

EXCLUSIVO

# UMA VIAGEM COM Sophia



36 NOTÍCIAS MAGAZINE



ILUSTRAÇÕES DE DANUTA WOJCIECHOWSKA

Era uma vez um texto inédito de Sophia de Mello Breyner Andresen. Foi encontrado há três anos, entre os milhares de papéis do espólio da escritora. Perante o manuscrito que já tinha título mas não estava terminado, a família perguntou-se: e agora, o que fazer? O jornalista do *Diário de Notícias* **Pedro Sousa Tavares**, neto da escritora, conta em exclusivo como embarcou nessa extraordinária aventura de acabar uma história começada por um génio da literatura. *Os Ciganos* – de que publicamos também alguns excertos – chegará às mãos dos leitores no próximo dia 16.

h

á uma imagem recorrente que me vem à memória quando penso na minha avó Sophia. Estamos em Veneza, no final da primavera, e ela caminha em passo acelerado, quase parecendo planar sobre as estreitas ruas de pedra, determinada a apanhar os últimos minutos de uma exposição que viu anunciada num folheto do hotel. Atrás dela, eu e o meu tio Xavier, afogueados, esforçamo-nos para tentar acompanhar-lhe o ritmo, incrédulos na «abada» que aquela mulher pequena e magra, já na casa dos 70, nos vai dando numa improvável maratona pela cidade dos doges.

Continuo a chamar-lhe «Sophia». O «ph» soará estranho, numa época em que até os atos já perderam o «c», mas era assim que ela assinava e é assim que o seu nome faz sentido. Como diria o professor Malaca Casteleiro, «pai» do novo Acordo Ortográfico, quando os símbolos ficam gravados no nosso subconsciente, torna-se difícil substituí-los por caracteres mais atuais. E, para mim, «Sophia» simboliza o que o nome significa na língua da sua amada segunda pátria, a Grécia: sabedoria. A sabedoria pura de quem caminha segura dos seus passos, sem se deter para reparar no que fazem ou dizem aqueles que a acompanham.

Talvez por isso, tive sempre dificuldade em falar dela quando, em alguma ocasião em que era lembrada ou homenageada, pediam à família para abrir o baú de memórias. Imaginava-a a desaproveitar-me os elogios triviais, a aborrecer-se com as descrições demoradas das pequenas coisas que faziam a sua grandeza.

Mas agora, que mais uma vez decidi arriscar-me a tentar acompanhá-la, dou por mim a pensar que não a lembrei o suficiente nos últimos anos, nem partilhei devidamente a sua memória com os meus filhos, com os amigos, com todos os que cresceram com ela mesmo sem a conhecerem. Espero que este livro ajude a lembrar o que era Sophia, que ajude alguns a descobri-la e outros a reencontrá-la. Rezo para que os meus passos, muito menos etéreos do que os seus, não me tenham impedido de chegar à história que achei que ela queria contar.

Até fevereiro deste ano, apenas alguns dias após o nascimento do meu segundo filho, nunca tinha ouvido falar de *Os Ciganos*. Sabia da existência de inéditos incompletos no espólio da minha avó. Mas estava longe de imaginar que, entre eles, estava o início de uma história infantil. E um dos melhores inícios que lera em toda a sua obra nessa área.

A transcrição desse manuscrito chegou-me por e-mail, enviado pelo meu pai. A Porto Editora, que passara a editar a obra de Sophia, estava muito entusiasmada com aquelas páginas e defendia que deveriam ser divulgadas. O meu pai perguntava-me, como fez em relação aos meus irmãos, o que pensava disso. Deveria publicar-se, poderia alguém concluir a história?

Depois de ler o documento, respondi-lhe que me parecia «criminoso» não o fazer. *Os Ciganos* tinham uma característica única na obra infantil de Sophia, provavelmente a mesma característica que a levou a interromper a escrita, à procura de uma solução: a relação

rapaz/rapariga não encaixava nos parâmetros habituais da sua obra. Ali não havia uma minúscula menina do mar nem um rapaz de bronze, mas Ruy, que ainda não era homem mas já não era criança, e Gela, que o fascinava tanto como apavorava. Em certa medida, não se tratava exatamente de um livro infantil, mas antes de uma transição para um público diferente, no início da adolescência.

A este elemento somava-se a referência a um povo que, na nossa literatura, tem sido pouco mais do que ignorado, como se não estivesse ligado de tantas formas à história e à cultura da Europa e da Península Ibérica. Um povo que, apenas alguns meses antes, tinha sido notícia pela perseguição que estava a ser-lhe movida por um dirigente europeu do século XXI, um tal de Sarkozy.

Mas, acima de tudo, estava ali uma mensagem que não poderia ser mais atual para os mais novos, numa altura em que o mundo lhes parecerá uma estranha dança de marionetas em que uns senhores vindos de fora determinam se os pais têm emprego, se a escola onde estudam tem os professores suficientes. Era uma mensagem de fé em nós mesmos, de superação dos próprios limites, mesmo quando todos nos parecem dizer que temos de ser pragmáticos e conformistas.

Entusiasmado, além da resposta positiva, decidi juntar algumas ideias sobre o rumo que a história poderia levar. O que faria Ruy depois de seguir os ciganos? Que influência teriam um no outro aqueles dois adolescentes tão diferentes um do outro que pareciam as duas faces da mesma moeda?

Sem hipocrisia, com um pai escritor e uma tia professora de literatura, nunca me passou pela cabeça ser o escolhido para continuar o conto. Mas quando a minha tia Maria me telefonou no dia seguinte, informando-me descontraidamente: «Gostámos da tua ideia. Acaba o livro da avó», também não precisei de mais do que algumas horas para dizer que sim.

É óbvio que me exponho a todas as críticas. Se já é deveras invulgar alguém acabar um inédito de um escritor consagrado, quando esse alguém é um neto as dúvidas avolumam-se. A única resposta que tenho para dar é que não encontrei nenhum motivo suficientemente válido para me recusar a fazê-lo. A minha esperança é que quem leia *Os Ciganos* venha a recordá-los como uma história e não um conto que alguém começou e alguém continuou. Se isso acontecer, esta viagem já terá valido a pena. **Pedro Sousa Tavares**



Sophia com os netos Pedro, Rita, Gonçalo e Sofia, em Lagos, no final da década de 1980.

## Os Ciganos

Excerto do texto inédito de Sophia de Mello Breyner Andresen



«ERA UMA VEZ uma casa muito arrumada onde morava um rapaz muito desarrumado.

E o rapaz tinha a impressão de que não era feito para morar naquela casa.

Ali os relógios estavam sempre certos mas ele andava sempre atrasado.

Ele esquecia-se da bola na sala e dos livros no jardim. Ele deixava a caneta na cozinha, os sapatos no corredor; o relógio no lavatório. Porque jogava à bola na sala, lia no jardim, escrevia em toda a parte, despiase no corredor e só se lembrava de tirar o relógio quando já estava dentro do banho.

Por isso todos ralhavam com ele e ele pensava:

– Esta casa é um tribunal.

Havia horas certas para tudo, leis, regras, lugares para pôr as coisas.

E o rapaz que se chamava Ruy deitava-se infeliz e cismando nas ervas do jardim.

Era raro o dia em que ele não entornava ou um copo na mesa, ou um tinteiro nos cadernos, ou uma jarra no tapete, ou um cinzeiro em cima das visitas.

Parecia-lhe que tinha braços e pernas a mais, pois quando entrava numa sala

tropeçava num tapete, pisava as senhoras e dava sempre uma canelada em alguém. Tinha de passar a vida a pedir desculpa.

E à noite abria a janela do seu quarto, respirava o vento que vinha de longe, olhava as estrelas e pensava na liberdade.

Já não era um rapaz pequeno mas ainda não era um rapaz crescido.

Tinha ordem de ir de casa direito para o colégio e de vir do colégio direito para casa. O colégio ficava a vinte minutos de distância e ele conhecia palmo a palmo aquela rua.»

(...)

«Ele estava preso nos muros da sua casa, nos horários do relógio e nas ordens da família.

Estava preso pelas ordens que o mandavam levantar quando tinha sono e que o mandavam deitar quando não tinha sono, que o mandavam estar quieto quando queria correr e que o mandavam estudar quando queria cismar, e que o mandavam para a sala conversar com tias e primos quando ele só queria estar sozinho, deitado na relva cismando, à sombra da tilia, no fundo do jardim.

A família toda pensava incessantemente nele. Quando ele se constipava davam logo por isso, quando ele não estudava davam logo por isso, quando ele emagrecia davam logo por isso. E cada um dos seus impulsos se esbarrava contra sucessivos círculos de atenção, de vigilância, e de pesada e inquieta ternura.

– Oh, se todos se esquecessem de mim! – suspirava Ruy, deitado à sombra da tilia.

As folhas quase não baloiçavam e o dia caía lentamente.

De súbito um ruído atravessou o ar. Era um ruído que vinha de fora, do outro lado do muro. Era um ruído de festa. Num salto, como se tivesse uma mola, o rapaz pôs-se em pé. E ficou suspenso a ouvir:

Era o rataplá, rataplá dum tambor.

Ruy trepou para cima do muro e olhou.

Para lá do jardim estendiam-se a perder de vista terrenos baldios, campos e pinhais.

E ele viu ao longe, num pinhal, quatro carroças, uma fogueira e vultos que se desenhavam escuros e dançantes como as folhas das árvores contra o céu vermelho do poente.

– Ciganos! – disse ele.»

# Excerto da continuação do texto de Sophia escrita pelo neto

«- Chamo-me Ruy e não fujo - respondeu o rapaz. - Lamento tê-los seguido sem pedir licença, mas, se me aceitarem, quero aprender a vossa arte e experimentar a vossa liberdade.

O chefe cigano olhou-o nos olhos, avaliando-o.

- O que dizes não faz sentido. Calons e gadjós não se juntam. Alguns de nós, é verdade, trocam a vida de viajantes pelas vossas casas de pedra. Mas esses já nem são calons. Deixaram que lhes acorrentassem os corações, esqueceram os nossos costumes. Quanto aos teus, toleram-nos, mas não gostam de nós e preferem manter-nos à distância. Até ao fim dos tempos, os meus e os teus irão partilhar este mundo mas nunca as suas vidas. Sempre foram assim as coisas e é assim que estão certas.

- Isso não me parece certo - respondeu Ruy -, mas nunca percebi as certezas dos adultos. Passam muito tempo a dizer-nos que não podemos fazer isto, que temos de fazer aquilo, que estes são bons e aqueles são maus. E a cada coisa que nos dizem o mundo parece mais pequeno. A mim, que nada sei, ele parece-me gigante. E se estou errado, gostava de o descobrir por mim mesmo.

O cigano e o rapaz ficaram calados. Ruy estava espantado com a própria ousadia. Tomás Sabba não sabia se deveria sentir-se ofendido ou impressionado com aquelas palavras. Não esperava receber uma lição de liberdade de um gadjô, ainda por cima de um que mal começara a ter barba na cara. Finalmente, o chefe cigano recuperou a compostura, chamando uma mulher muito velha, tão velha que era impossível adivinhar-lhe a idade, há muito perdida entre as curvas do seu rosto.

- Tshilabba, vem ajudar-me a perceber quem é este rapaz - pediu.

(...)

À noite, os ciganos juntavam-se à volta da lareira. Os músicos tocavam guitarras e violinos e as mulheres acompanhavam-nos, segurando as saias coloridas e fazendo-se esvoaçar em movimentos ondulantes, por vezes leves, por vezes abruptos.

Quando as notas eram suaves, quase suplicantes, as suas mãos formavam conchas que subiam e desciam e depois

O manuscrito original foi descoberto pela filha, Maria Andresen de Sousa Tavares, na primavera de 2009. Não está datado, mas presume-se que tenha sido escrito em meados da década de 1960.

se estendiam e retorciam, capturando a melodia e fazendo desta uma parte do próprio corpo.

Então, o dedilhado dos guitarristas dava lugar a um insolente rasgar das cordas, aos nós dos dedos batendo na madeira, amaldiçoando os instrumentos por se terem deixado enfeitiçar. Mas elas respondiam estalando as mãos bem acima da cabeça, pisando a terra, e rodopiando sobre os pés. E uma voz de homem, vinda do recanto da lareira onde se guardam os segredos, chorava a letra de uma velha canção:

Fiz a minha casa no vento e, como o mar, tenho no vento a minha glória.

Outras vezes não havia música. Apenas o silêncio suspenso nas palavras dos anciãos. Contavam histórias antigas, tão antigas que já não precisavam de fazer

Os ciganos

Em uma vez uma casa muito arrumada onde morava um rapaz muito desarmado das coisas da casa. E o rapaz tinha a intenção de que não fosse feito mais nada. Aquela casa! Até os relógios estavam sempre certos, mas ele andava sempre atrasado.

Ele acordou-se de manhã na sala e dos livros ao jardim. Ele deixava a caneta na cozinha, os sapatos no corredor, o relógio no banheiro. Deque jogava a bola na sala, lia no jardim, escrevia em toda a parte, de cima do corredor e só se lembrava de tirar o relógio quando já estava dentro do banho. Por isso todos ralhavam com ele e ele pensava:

- Esta casa é um tribunal.

Havia muitas coisas boas certas por todo, mas tinha a bagagem para os casais.

E o rapaz que se chamava R. Deitava-se no chão e brincando nas ervas do jardim.

Em casa o dia em que ele não entrava em um copo na mesa, se bem tivesse nos corredores, ou uma jaseca no tapete, ou uma alfinete em cima das coisas.

Tinha lá um que tinha braços e pernas a mais. Foi quando entrava numa sala trocava para o tapete, passava ao banheiro e dava lá por uma coisa malada com alguém. Tinha que passar lá onde a gente dormia.

E a noite abriu a janela do seu quarto, depois para o vento que vinha da cozinha, chamava os irmãos e pensava na liberdade.

Ele não era um rapaz pequeno mas ainda não era um rapaz crescido.

Tinha então de ir de casa direto para o colégio e de vir do colégio direto para casa. O colégio ficava a dois minutos de

sentido para parecerem verdadeiras. Os Rom, garantiam alguns, tinham vindo do Egito, e era por isso que os gadjós lhes chamavam gitanos. Mas também havia quem jurasse que eram oriundos da Índia, onde ainda hoje vivem os ciganos do mar, parecidos com eles nos costumes, na língua e até na forma de vestir. Outros asseguravam que essas terras não foram mais do que pontos de passagem. Que tinha havido um tempo em que o povo Rom não era nómada, vivendo em paz e prosperidade num reino do Oriente Médio. Mas que um príncipe mau, invejoso da prosperidade dos seus homens e da beleza das suas mulheres, os tinha condenado a uma vida errante, espalhados por todos os cantos da terra sem chegarem a pertencer a lugar nenhum. » ●



«Se já é invulgar alguém acabar um inédito de um escritor consagrado, quando esse alguém é um neto as dúvidas avolumam-se. A única resposta que tenho para dar é que não encontrei nenhum motivo suficientemente válido para me recusar a fazê-lo. A minha esperança é que quem leia *Os Ciganos* venha a recordá-los como uma história e não um conto que alguém começou e alguém continuou. Se isso acontecer, esta viagem já terá valido a pena.»

**Os Ciganos**  
Edição: Porto Editora  
Capa dura, 64 páginas  
PVP: 18.80 euros

